

Sentidos compartilhados e práticas docentes frente ao fenômeno da violência contra o professor

Shared meanings and teaching practices face to the phenomenon of violence against the teacher

Michelle Beltrão Soares¹

Laêda Bezerra Machado²

RESUMO

O presente artigo recorte de uma pesquisa mais ampla, objetivou compreender as representações sociais da violência contra o professor no espaço das escolas da Região Metropolitana do Recife (RMR), enfatizando as formas ou tipos de violência vivenciados pelos professores no espaço da escola e como os docentes lidam com essa violência contra si. Tomou-se como referencial a Teoria das Representações Sociais de S. Moscovici, especialmente a Teoria do Núcleo Central, idealizada por J.C. Abric. Participaram desta etapa da investigação 20 professores (10 de escolas públicas estaduais e 10 de escolas privadas). Foram realizadas entrevistas com esses professores através de pranchas indutoras. O material das entrevistas foi tratado a partir da Análise de Conteúdo. Os resultados do estudo indicam a dimensão prática das representações desses professores, ou seja, o modo como lidam com a violência contra si no interior da escola e sala de aula, expresso através das origens da violência contra o professor, das manifestações da violência contra ele e das atitudes de enfrentamento diante do fenômeno.

Palavras-chave: Violência. Professor. Representações Sociais.

ABSTRACT

This article is part of a larger research project aimed to understand social representations of violence against the teacher within the schools of the Recife Metropolitan Region (RMR), emphasizing the forms or types of violence experienced by teachers in the school and how teachers deal with such violence against them. Took as a reference the Theory of Social Representations of S. Moscovici, especially the Central Nucleus Theory,

¹ Professora Assistente da Universidade Federal de Pernambuco - Departamento de Psicologia e Orientação Educacional – Centro de Educação; Doutoranda em Educação – UFPE. Email: michellinha7@gmail.com

² Professora Doutora Associado 1 da Universidade Federal de Pernambuco - Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional – Centro de Educação.

created by JC abric. Participated in this phase of the investigation 20 teachers (10 public schools and 10 private schools). Interviews were conducted with teachers through these boards inducing. The interview material was treated from the content analysis. The study results indicate the practical dimension of the representations of these teachers, in other words, how to deal with violence against themselves inside the school and classroom, expressed through the origins of violence against the teacher, the manifestations of violence against him and coping attitudes concerning the phenomenon.

Keywords: Violence. Teacher. Social Representations.

Introdução

Os casos, cada vez mais frequentes, denunciam a crescente violência na sociedade. Em algumas circunstâncias o convívio com o fenômeno se tornou naturalizado, tanto que foram incorporados no cotidiano, modos de enfrentamentos 'consensuais' para as situações violentas, por exemplo, não é conveniente permanecer com os vidros abertos enquanto parado no sinal de trânsito. Porém, a violência não se manifesta apenas através desses crimes, pode-se observar o fenômeno nas questões de gênero, nas relações políticas, nas discussões raciais, enfim, em diversas circunstâncias sociais e interpessoais e inclusive, nas situações escolares.

A escola não consegue impedir que a violência se manifeste em seu interior, ela interage em todos os sentidos com a sociedade e nela estão presentes os fenômenos que se alastram em outras esferas sociais. Quase diariamente, diferentes meios de comunicação divulgam atos de violência cometidos dentro das escolas. Essa violência não aparece apenas no plano físico, mas também psíquico e moral através do desrespeito e da violação dos direitos humanos. As agressões físicas e verbais entre os alunos, entre professores, a invasão de 'ganges', o narcotráfico, têm sido elementos presentes nas escolas, causando insegurança, medo, perplexidade e angústia aos alunos, professores, diretores e pais (ZALUAR, 1992, 2002; GONÇALVES; SPOSITO, 2002).

O professor muitas vezes é apontado como vítima da violência nos intramuros da escola, seja esta de natureza física, verbal ou simbólica. Deste modo, entende-se que várias dimensões do cotidiano do trabalho docente estão envolvidas com cenas de violência e trazem

implicações para a escola e para o trabalho nela desenvolvido. Tendo em vista essa realidade enfrentada pelos professores, os esforços na busca de compreender os aspectos da violência contra o docente culminaram em uma pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação que analisou as representações sociais de violência contra o docente, construídas por professores de escolas públicas e privadas da região metropolitana do Recife-PE. O presente artigo, recorte desta pesquisa mais ampla, enfatiza essas representações, as formas ou tipos de violência vivenciados pelos professores no espaço da escola e como os docentes lidam com a violência contra si.

Na revisão de literatura, constatou-se que autoras como Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua vêm desenvolvendo estudos significativos sobre a violência escolar no Brasil. Em pesquisa intitulada *Violência nas Escolas*, subsidiada pela UNESCO e publicada em formato de livro, Abramovay e Rua (2002), traçam as características da violência escolar em âmbito nacional. Segundo as autoras, estudos sobre o tema aparecem com mais força no Brasil a partir da década de 80. E os resultados obtidos das investigações feitas, nessa época, apontam que as principais formas de violência na escola eram relacionadas ao crime contra o patrimônio público, como depredação e pichações.

A partir dos anos 2000 percebeu-se que além dos fatores citados (violência contra o patrimônio e nas relações do alunado), a violência contra o docente por parte do aluno e de pais de alunos vem tomando destaque na mídia. Não que esse tipo de violência não fosse encontrado anteriormente, mas em meados dos anos 2000 cresceram as manchetes sobre casos em que os professores estão no papel de vítima. Portanto, buscou-se com essa investigação dar vez e voz ao professor, buscando apreender como ele se situa nessa problemática partindo da sua própria ótica: as representações sociais construídas a respeito da violência contra ele mesmo.

Os estudos que lançam mão da Teoria das Representações Sociais, inaugurada por Serge Moscovici, buscam compreender os fenômenos construídos e revelados pelas ideias comuns expressas nas relações cotidianas, o saber do senso comum. Considerou-se também que as representações sociais de violência contra o professor podem influir diretamente nas práticas docentes, portanto, optou-se por um desdobramento da grande Teoria, a abordagem estrutural (ABRIC, 1998).

Diante desse contexto, é importante frisar que, para que um fenômeno se torne uma representação social é preciso que ele seja objeto de discussão de grupos, gere estranheza ou incômodo. A violência contra o docente se acomoda nessas características e, por isso, é tomada como objeto de representação social, uma vez que mexe com o cotidiano e a intimidade das pessoas.

O levantamento das pesquisas sobre a violência contra o professor, possibilitou destacar a lacuna existente na produção de trabalhos que versam sobre a temática. Estudos que utilizaram a violência contra o professor como objeto de pesquisa não foram localizados, assim como estudos fundamentados na Teoria das Representações Sociais (TRS) que tivessem, especificamente, a finalidade de compreender a violência sofrida pelos docentes. Considera-se, desta forma, que o presente trabalho é relevante por tratar de uma temática de grande peso social, que é a violência contra o docente nos intramuros das escolas.

A Teoria das representações sociais e a abordagem estrutural

A partir do marco inaugural da Teoria das Representações Sociais (TRS), a obra *La Psychanalyse, son image, son public* (1961), publicada no Brasil sob o título '*A Representação Social da Psicanálise*' (1978), Moscovici define que a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem como função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Sendo uma preparação para a ação, a representação guia os comportamentos, bem como remodela e reconstitui o ambiente em que esse comportamento tem lugar. A partir dessas considerações, podem-se constatar duas funções básicas das representações sociais: a de estabelecer padrões comuns de conhecimento e conduta (consenso); e a de forjar os comportamentos conforme os padrões e convenções estabelecidos.

O sujeito não interage com o objeto social de forma neutra, como se a representação do mesmo fosse uma cópia subjetiva do real, mas, sim, imprime nas representações deste objeto suas características, *particularizando-o*. É por isso que Jodelet (2001) afirma que o processo de construção das RS não se dá no vazio e sim no contexto histórico social, geográfico e cultural onde os indivíduos que representam estão inseridos, moldando-as de acordo com seus valores, avaliando-as

segundo seus filtros de julgamento, e assim, passam a guiar a conduta desses indivíduos e orientar suas práticas. A relação entre sujeito e objeto na TRS é tão intrínseca que as RS não possuem um status definitivo, mas seu processo de construção é influenciado nas relações, informações e experiências do sujeito, associando e relacionando valores, imagens, conceitos, normas, crenças e símbolos.

De acordo com Wagner (1995), nas pesquisas em Representações Sociais podem ser observados caminhos distintos que dependem do interesse explicativo do pesquisador e da natureza do objeto. Neste trabalho, como já indicado, seguiu-se a perspectiva teórica de Abric (1998), a Teoria do Núcleo Central (TNC), a abordagem estrutural, um desdobramento da teoria inicial das Representações Sociais, de Moscovici.

As representações sociais possuem quatro funções essenciais: a função de saber, que permite compreender e explicar a realidade; a função indenitária, que define a identidade e permite a proteção da especificidade dos grupos; a função de orientação, guiando os comportamentos e práticas dos indivíduos; e por fim, a função justificadora, ela explica as tomadas de posição e os comportamentos (ABRIC, 1998). Essas representações são elaborações mentais construídas, a partir de situações concretas, na dinâmica entre a atividade psíquica e o objeto representado. O sujeito e o objeto estão sempre numa relação de construção e reconstrução de conceitos, subsidiados pelo contexto em que estão inseridos. Essa dinâmica se expressa, principalmente, através da linguagem e é aportada no meio social dos indivíduos, portanto fazendo parte das situações reais de quem as emitem.

As representações, na perspectiva de Abric, são formadas por dois sistemas de cognições: sistema central (núcleo central) e sistema periférico. O núcleo central compreende as cognições que determinam a identidade da representação, dá estabilidade e organiza seus elementos, é mais rígido e resistente a mudanças. Quando o núcleo central se modifica, modifica-se também toda a representação. Esse núcleo a estrutura e é constituído pelas crenças, valores e normas sociais historicamente construídas e partilhadas pelo grupo. Os elementos periféricos são como esquemas de natureza mais funcional: descrevem e determinam ações. São esses elementos mais concretos, mais práticos, em ligação com os elementos centrais, que garantem que a representação

social seja um guia de leitura para a realidade, relacionando-se com eventos do cotidiano dos indivíduos. Abric (1998) assevera que toda representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos, orienta seus comportamentos e suas práticas sociais.

Metodologia

Como mencionado, este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no curso de Mestrado em Educação, realizada em duas etapas. Na primeira, buscou-se identificar o conteúdo e a estrutura interna das representações da violência contra o docente, utilizando como instrumentos a associação livre de palavras e teste do núcleo central. A segunda etapa procurou caracterizar as formas ou tipos de violência vivenciados pelos professores no espaço da escola e indicar como os docentes lidam com esse tipo de violência. Nos limites deste trabalho, aborda-se a segunda etapa da pesquisa.

Participantes

O campo empírico para a realização desta pesquisa foram três escolas da rede pública estadual de ensino e três escolas da rede privada de ensino da região metropolitana do Recife-PE. Foram selecionadas escolas de anos finais de ensino fundamental e ensino médio, localizadas em diferentes áreas geográficas dessa região. Escolheram-se escolas que atendessem esse grupo de alunos por haver constatado, em estudos anteriores, que são, predominantemente, os adolescentes os mais envolvidos em episódios de violência contra o professor. Participaram da investigação vinte professores, dez lecionavam em escolas públicas e dez em instituições particulares. Eles foram escolhidos de maneira a considerar a variedade de faixa etária, tempo na profissão, formação acadêmica e turmas com as quais trabalhavam (de pré-adolescentes e adolescentes) e todos haviam participado da primeira etapa da investigação.

Procedimento de Coleta

1. Para concretização do objetivo proposto, utilizou-se entrevistas com pranchas indutoras (Anexo1), uma variação

de procedimentos projetivos. Convém dizer que o uso de instrumentos projetivos nas pesquisas em representações sociais tem sido bem vindo por contribuir para a captura de discursos/conteúdos menos racionalizados por parte dos sujeitos. Assim, utilizou-se para realização das entrevistas quatro pranchas indutoras, que continham manchetes com textos e imagens a respeito da violência contra o professor, retiradas de reportagens localizadas na mídia digital. Elas foram enumeradas de 1 a 4, a fim de facilitar a condução da entrevista.

2. Com a utilização desse instrumento, pretendeu-se diminuir a força da pressão de uma pergunta direta levando, possivelmente, o professor a 'soltar' representações sociais de modo mais tranquilo e espontâneo, acionando a partir do estímulo (manchete) os sentidos que atribui ao fenômeno da violência contra ele mesmo. Cabe dizer que o próprio Abric (2005), em ensaio sobre a zona muda das representações sociais, mostra-se favorável à construção instrumentos metodológicos menos diretos, passíveis de desvelar possíveis aspectos mascarados ou omitidos de uma dada representação social.

O desenvolvimento das entrevistas se deu da seguinte maneira: apresentaram-se as quatro pranchas indutoras para um professor na sequência 1, 2, 3; para o professor seguinte, apresentou-se a sequência 2, 3, 1; para o próximo, a sequência 3, 2, 1 e assim sucessivamente. A aplicação foi feita dessa forma a fim de evitar contaminações entre uma entrevista e outra. Ao se apresentar cada prancha, solicitava-se ao professor que falasse espontaneamente sobre o que via na manchete e, a partir dos comentários do docente, foram feitas algumas intervenções a fim caracterizar as formas ou tipos de violência vivenciados pelos professores no espaço da escola e indicar como os docentes lidam com esse tipo de violência. Foram feitas intervenções do tipo: *you already se deparou com alguma situação dessas no seu cotidiano; explicita mais esse episódio que você vivenciou; como você explica esse episódio de violência contra o professor*. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Admite-se que o instrumento pranchas indutoras se adequou ao que foi pretendido nesse estudo, uma vez que os participantes demonstraram descontração, interesse e desenvoltura para tratar o assunto. Lembraram de fatos e situações que vivenciaram por si ou por colegas de profissão e, de maneira um tanto descontraída, foram revelando os sentidos compartilhados de violência contra si, caracterizando e indicando casos, bem como evidenciando preocupação e impotência frente ao fenômeno.

Procedimentos de análise

Para o tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas com as pranchas, utilizou-se a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2009). A Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, descrição do conteúdo das mensagens que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (BARDIN, 2009).

Resultados e discussão

A síntese dos depoimentos resultantes das entrevistas com os professores de instituições públicas e particulares foi organizada em categorias comuns a ambos os grupos, a saber: a) *'Origens da violência contra o professor'*; b) *'Manifestações de violência contra o professor'* e c) *'Atitudes de enfrentamento diante da violência'*. Elas estão articuladas e caracterizam as formas de violência vivenciadas pelos professores no espaço da escola e indicam como eles lidam com a violência contra si.

Origens da violência contra o professor

A violência contra o professor compreende o caráter biopsíquico da agressividade

Em seus depoimentos, os professores distinguem duas categorias fundamentais acerca das origens da violência contra eles. Uma que procura explicar essa violência através de um caráter biopsíquico e

outra que parte do reflexo social compreendendo, principalmente, a desigualdade social e as relações familiares.

Os docentes situam a perspectiva biológica através da agressividade compreendida como inerente aos indivíduos. Como indicado, Charlot (2002) define agressividade como uma pré-disposição biopsíquica reacional, que pode desencadear situações de agressão e violência. Freud (1980), igualmente, considera a agressividade como instintiva do ser humano, o que o inclinaria a situações competitivas e/ou a cometer situações de violência. Observam-se essas questões na fala do professor a seguir

A gente sabe que o ser humano já tem essa característica, não é? Se a gente não tivesse a agressividade, não teríamos evolução. Sem esse impulso não sairíamos do lugar, então, mesmo que esses casos sejam realmente absurdos e causem indignação, temos que ver que toda violência é formada desse fator da agressividade. Temos que fazer com que nossos alunos utilizem essa agressividade para outras coisas e não para nos agredir. (PO09EPR.EFII)³.

É importante destacar que a agressividade difere da violência em si, pois essa característica biopsíquica mesmo podendo ocasionar situações violentas, pode ser apropriada e utilizada como autoproteção dos indivíduos. A esse respeito, Winnicott (1987b), enfatiza a importância do ambiente para que a agressividade não se expresse em agressão. Percebe-se, também, que os professores dão indicativos de que as agressões sofridas por eles são desencadeadas em parte, por essa característica biopsíquica, algo intrínseco ao ser humano que vem à tona em situações de desequilíbrio emocional, que não visam, necessariamente, o professor.

Acredito que essa violência que a gente está vendo é como se fosse um estouro, porque a gente sabe que os adolescentes estão nessa fase de delimitar território, de contestar autoridade. Então é como se essa condição de agressividade que já é dele, fosse extravasada dentro da sala e o professor acaba sendo um

³ A caracterização dos professores se refere: PO (Professor); PA (Professora); 01 (respondeu a entrevista nº 01); EPR (Escola Privada); EPU (Escola Pública); EM (Ensino Médio); EFII (Ensino Fundamental II).

alvo, mesmo não sendo o alvo principal. (PO01EPR. EM).

A violência contra o professor, explicada a partir do fator agressividade biopsíquica, pode ser então encarada como uma manifestação de conflitos dos próprios alunos reeditados no ambiente escolar. Nesse espaço, o professor agredido não é o alvo intencional, mas sim o profissional que personifica a norma escolar, a continência apontada por Winnicott (1987a). Para Freller (2001), os alunos agressivos na escola podem ser crianças e adolescentes que depositam suas esperanças na instituição escolar, no sentido de que ela possa suprir a necessidade de atenção ou cuidado que estes sujeitos estão buscando, a possibilidade de expressão, o estabelecimento de limites e que nesse espaço não obtiveram respostas adequadas às suas expectativas.

Cumprir lembrar que, na primeira etapa da pesquisa, o elemento agressão é consagrado nas representações dos professores como um elemento norteador, pertencente ao núcleo central de ambos os grupos de docente, considerado como expressão empírica da agressividade.

Portanto, essa pulsão, biológica ou psicológica, funcionaria como uma linguagem para esses alunos. Ela se manifesta em ataques rotineiros à instituição escolar, seus usuários e seus representantes (professores e funcionários). Pode ser caracterizada, na maioria das vezes, por afrontas banais e aparentemente gratuitas, como também por casos de violência extrema, deteriorando as relações nesse ambiente. E desta forma, a característica biopsíquica da agressividade ganha destaque no conteúdo geral das representações sociais dos professores, em termos da violência contra eles próprios.

A violência contra o professor expressa o reflexo social

Os reflexos sociais se confirmam como os aspectos mais arraigados à representação social de violência contra o professor entre os profissionais de instituições públicas e privadas, sendo indiscutivelmente elementos marcantes e norteadores dessa representação social. A relação estabelecida entre violência e os eventos sociais é trazida à tona através dos reflexos da classe social a que pertencem os alunos; das

comunidades em que estão inseridos; da família da qual fazem parte e das mídias a que têm acesso.

Os espaços de pertença e as diversas relações ali estabelecidas pelos sujeitos implicariam para, neles, desencadear ou estimular atos violentos dentro da escola devido ao papel mais normativo e disciplinar exercido por essa instituição frente às crianças e adolescentes e jovens. Mesmo os alunos que não atribuem os valores esperados à instituição escolar, não ficam impassíveis a ela, utilizando-a como palco para a manifestação e expressão de suas frustrações, ali incluída a violência contra o professor.

Ambos os grupos de professores entrevistados concordam, ao assinalarem a violência contra eles como decorrência de uma desestrutura social e econômica, que esta gera desde a violência física até a violência simbólica. Na literatura, a desigualdade social também é apontada como um dos fatores que originam a violência de maneira geral. Como sinaliza Wanderley (1999), a contradição de uma sociedade desigual pode contribuir para manifestações de violência física e ética.

Os participantes sugerem uma relação direta entre violência contra o professor e desigualdade social. Essa carência social dos alunos, na perspectiva dos entrevistados, não se vincula apenas à situação de extrema pobreza, mas às situações mais gerais de desigualdade social que provocam a exclusão. Cabe assinalar que, conforme colocaram os participantes, a desigualdade social tanto pode desencadear comportamentos agressivos para os desprovidos economicamente, quanto para os alunos de classes mais abastadas, que atribuem valores comerciais a educação escolar. Essa última afirmação é corroborada pela fala seguinte do professor da rede particular “[...] as escolas particulares principalmente. Elas dão mais preferência ao aluno do que ao professor porque a escola hoje é um comércio muito forte, onde o professor não tem vez, o que tem vez é o cliente que é o aluno que paga”. (PO03EPR. EFII).

A violência simbólica para os professores da escola pública se expressa através das relações de desigualdades socioeconômicas e se enquadra tanto na definição original proposta por Bourdieu (1975), como também no sentido da violência estrutural proposta por Minayo (1999, p. 8). Para a autora, trata-se da “[...] violência gerada por estruturas organizadas e institucionalizadas, naturalizada e oculta em estruturas

sociais, que se expressa na injustiça e na exploração e que conduz à opressão dos indivíduos”.

Por outro lado, a violência simbólica, para os docentes da rede particular, vincula-se às relações de assédio moral tanto por parte dos alunos, pertencentes a uma classe econômica privilegiada, quanto por parte das instituições de ensino. Portanto, assume-se uma semelhança entre o processo de reprodução da cultura dominante sobre as camadas populares na escola e o vivido pelos professores, como intelectuais, que estão vendendo sua força de trabalho a particulares (donos de capital).

Além da desigualdade social, outro aspecto que se manifestou nos depoimentos dos professores, foram as implicações da estrutura familiar dos alunos para a incidência de violência contra os docentes. A falta de sintonia entre escola e família no que se refere ao papel de ambas as instituições, concorre para o professor avaliar suas atitudes e a própria profissão. (FALSARELLA, 2008; NOGUEIRA; 2005).

Outro aspecto enfatizado nas falas dos professores foi o papel da mídia como propulsora da violência contra o professor. A mídia, principalmente a televisão, com a exposição excessiva e banalizada de casos violentos pode influenciar para que os alunos constituam novas e negativas interpretações da violência (MARTÍN-BARBERO, 2001). Para Njaine e Minayo (2003, p. 127), a banalização da violência, bem como a transmissão de exemplos inadequados por parte da mídia “[...] promove uma certa confusão de perspectiva sobre o real e o imaginário e, por consequência, uma banalização das relações sociais fundadas nas agressões e na eliminação do outro”.

Portanto, os eventos de natureza social configuram-se como aspectos norteadores das representações, no que concerne ao desencadeamento da violência contra o professor. Podem ser expressos através da desigualdade social e política, constituída como um reflexo da sociedade atual (crise de valores, crise civilizatória) e através das implicações da desestrutura familiar, tanto por meio da mercantilização da educação, quanto mediante a negligência para com esse papel educador inerente à instituição familiar. Esses achados corroboram os estudos que vêm mostrando que as raízes da violência na escola encontram-se na violência social, na família, e em condições estruturais como a pobreza e desigualdade social. (LUCINDA et al., 1999; GUIMARÃES, 1996).

Manifestações de violência contra o professor

Através das entrevistas, foi possível compreender o que o professor, no cotidiano de suas práticas e relações, considera como manifestações de violência contra ele. São tomadas como amostras empíricas de violência contra o professor, por eles próprios, a violência verbal e indireta, física e a depredação do ambiente escolar. Do ponto de vista das características, os professores de escolas públicas enfatizaram as experiências de agressões físicas e depredações; os das instituições particulares deram destaque às humilhações e agressões verbais. Isso reforça a consideração feita por Moscovici (1978) de que as representações sociais referem-se a construções simbólicas que reúnem experiências elaboradas em contextos diversos.

Constatou-se que a violência verbal foi a mais sofrida e enfrentada pelos docentes tanto de escolas públicas, quanto de escolas particulares. Essa violência aparece como o tipo mais comum e corriqueiro. Conforme Debarbieux (2006), Charlot (2002) e Abramovay (2005), em alguns estabelecimentos escolares as incivildades estão incorporadas em comportamentos cotidianos, em que alunos e professores são profundamente atingidos no que diz respeito à identidade profissional, pessoal e dignidade e que estas ações de incivildades foram representadas como violência. O que é considerado corriqueiro, o que se torna banalizado, pode ocasionar sensação de impotência, de conformismo. E, mais grave ainda, a violência banalizada pode ser naturalizada em algumas situações nas relações interpessoais na escola. O que é corroborado pela afirmação de Abramovay e Rua transcrita a seguir

Em um primeiro momento, essas ocorrências menos severas como xingamentos, desaforos ou agressões verbais em geral são pensadas mais como precursores de ocorrências graves, do que como práticas violentas em si. Quando se limitam ao enfrentamento verbal podem se resolver pelo diálogo e negociação. Em outros casos, mesmo começando com troca de ameaças, desaforos, ofensas ou provocações, agravem-se até chegar às agressões físicas, que requerem, muitas vezes, o envolvimento da política. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 236).

Esse agravamento da situação, demonstrado através da agressão física, é trazido à tona na representação dos docentes de ambas as redes, porém com perspectivas diferentes. Os professores da rede pública relatam casos de violência física que presenciaram ou tiveram contato próximo, ou vivenciaram. Os professores da rede particular, por sua vez, citam casos de violência física que ocorreram ou que tomaram conhecimento e sofridas por colegas, preferencialmente, vinculados à rede pública. Afirmaram os participantes

Já teve um caso de um amigo meu que o aluno disse pra ele “olhe está vendo professor, com esse saco aqui de maconha eu ganho muito mais dinheiro do que o senhor ganha em um mês, eu vendo ele em dois, três dias e já ganho o seu salário que o senhor ganhou o mês inteiro”. Então você vê que a realidade é bem diferente né? Aí nesse caso esse é um amigo meu que trabalha na rede pública. (PA07EPR.EFII).

Comigo já aconteceu o aluno queria bater em mim porque eu quis que ele, ele fizesse o trabalho. Segundo ano médio, no ano retrasado. Um aluno grande! Quase que era como a primeira professora, com os dentes quebrados. (PA02EPU.EM).

Como observado, o discurso dos professores de escolas privadas, frequentadas por alunos das classes mais abastadas, aponta que em estabelecimentos escolares públicos, onde os alunos são mais vulneráveis à desigualdade social, podem existir mais e mais graves situações de violência contra o professor.

Convém destacar que, mesmo assinalando algumas situações que envolvem violência contra o professor (violência institucional, violência verbal), a fala dos docentes da rede privada no que concerne à violência física, remete a um expectador, alguém que representa a violência a partir do outro, neste caso, de seus pares (docentes da rede privada). Já o professor da escola pública fala mais abertamente do que ele vivencia, demonstrando propriedade do objeto, inclusive nos casos de agressões físicas. São dois grupos com bases de representações diferentes da violência física contra os docentes: enquanto os professores da rede pública representam a violência baseados em situações reais de enfrentamento, os professores da rede privada representam essa violência a partir de outros referentes, como as conversas, os episódios

vivenciados por colegas de profissão e o que circula sobre o assunto nas redes sociais.

Através dessa prerrogativa, pode-se inferir que esta uma zona muda na representação dos docentes das escolas privadas. Se o referente empírico da violência se configura justamente como a violência física (MICHAUD, 1989), a narrativa de negativa perante casos desse tipo sugere que a violência contra o docente não se concretiza de fato nas escolas privadas, se restringindo à esfera simbólica. Deste modo, dois aspectos parecem estar compondo a representação dos docentes de escolas privadas: um verbalizado, explícito (a violência institucional e indireta) outro não explicitado, que conforme Abric (2005) incidiria numa zona muda da representação. Esta zona muda incluiria os aspectos racionalizados pelos indivíduos que podem ser expressáveis, de acordo com a normatividade da situação em que se encontram. É o 'politicamente correto' do qual comumente se fala, uma tentativa do sujeito de aceitação social.

Atitudes de enfrentamento diante da violência

Na tentativa de identificar práticas docentes frente à violência contra o professor no contexto da escola, procurou-se captar dos sujeitos entrevistados suas ações para o enfrentamento desse fenômeno. O que se captou foram mais sugestões do que ações. Essas sugestões para prevenir a violência nas escolas demonstraram um leque de possibilidades que se expressa através do dinamismo e da complexidade desse tipo de violência. Os professores tendem a sugerir ações contra a violência na escola de maneira geral e não as concretizam de fato. No campo da efetivação, encontram-se a tentativa de manter um bom relacionamento com os alunos e a punição dos agressores, através da expulsão da sala de aula, conversas com os pais e até mesmo repressão policial.

Os professores concordam que a falta de medidas punitivas concorre para a propagação da violência, tanto no ambiente escolar, como também na sociedade como um todo. Eles aderem à ideia de extrair ou retirar do ambiente escolar, ou da sociedade (dependendo do ato violento praticado) o aluno que esteja cometendo atos agressivos,

pois, o sentimento de impunidade pode gerar manifestações mais graves de violência para com o professor.

Apesar de compreenderem-se os graves aspectos criminosos apontados pelos professores, os próprios docentes revelaram que a violência contra eles decorre principalmente de uma estrutura social dominante, que funciona como princípio gerador e explicativo da violência contra o professor e supera a questão da responsabilização de um indivíduo apenas. As alternativas de acolhimento do jovem, o diálogo, melhoria do ambiente escolar, até mesmo da melhora dos laços de convivência para combater essa violência estão presentes nas sugestões dos professores.

Essas alternativas se expressam na tentativa de estabelecerem um bom relacionamento com os alunos, bem como desenvolver projetos pedagógicos para enfrentar os diversos tipos de violência na escola. Os educadores deram pistas de que deveriam discutir junto com a comunidade escolar sobre sua exposição à violência, buscando, juntos, formas de prevenção, pois muitos não se sentem preparados para desenvolver estratégias de enfrentamento da violência contra ele mesmo.

De acordo com Gilly (2001), a representação articula de modo coerente as controvérsias entre a realidade e a ideologia, assegurando a função de legitimação do sistema da representação e de justificação das práticas cotidianas (LIMA, 2009). Pode-se inferir, a partir disso, que a representação dos docentes revela contradição entre o que se espera (as sugestões dadas por eles) e o que realmente se exercita no cotidiano de suas práticas.

Outra questão levantada pelos professores é a relação da família com a escola na resolução de conflitos. Para Njaine e Minayo (2003), a integração da família à escola permite uma efetiva parceria na prevenção da violência na escola. Os professores também apontam essa integração, reconhecendo-a como um dos pontos fundamentais no combate à violência no ambiente escolar. O elo família-escola permitiria ampliar o diálogo sobre a questão da violência, amparado pela escola e família do aluno, contribuindo para diminuir as distâncias nas relações professor, aluno e família, na tentativa de reverter comportamentos agressivos de alguns alunos.

Considerações finais

Os resultados da presente investigação indicaram que a violência contra o professor envolve elementos de diferentes ordens, comportamentais, psicológicas, cognitivas, afetivas, dentre outras. A segunda etapa da pesquisa, apresentada neste artigo, contribuiu para o aprofundamento e elucidação de questões apreendidas no levantamento da estrutura e do conteúdo das representações na primeira etapa do estudo. Enquanto a representação dos professores da rede privada norteia-se pelo elemento institucional, que expressa na prática docente uma violência predominantemente simbólica e indireta (assédio moral, subserviência, etc.); a representação dos professores de escola pública considera elementos sociais (família, desigualdade social, etc.) como fatores geradores e explicativos da violência contra eles na sala de aula, indicando que a violência contra o professor é um reflexo de uma sociedade desigual que violenta o aluno e faz dele um reflexo da mesma na sala de aula.

Os achados gerais do trabalho, apesar de não situarem as situações pedagógicas como espaços de geração da violência contra o professor, revelaram uma tendência dos docentes a relacionarem a violência contra eles como fenômeno passível de ser combatido por meio de situações pedagógicas. Portanto, além de questões de cunho social, o fenômeno está relacionado a questões de ordem pedagógica. Mais do que estabelecer uma relação entre pobreza e violência, os professores parecem indicar que a relação direta se dá entre violência escolar e desigualdade social.

Cumprindo ainda ressaltar que a ênfase dada pela abordagem estrutural à função prática das representações advém do entendimento de que as representações determinam os comportamentos dos sujeitos e dos grupos. Pode-se admitir que o presente estudo permitiu captar a dimensão prática das representações desses professores, ou seja, o modo como lidam com a violência contra si no interior da escola e sala de aula, expresso através das origens da violência contra o professor, das manifestações da violência contra ele e das atitudes de enfrentamento diante do fenômeno.

Tendo em vista seus depoimentos, as representações dos docentes vão orientar ações de combate à violência contra si que serão peculiares às especificidades de cada instituição. Dessa forma, as

especificidades das instituições escolares e a natureza dos atos violentos, predominante, nas relações interpessoais nas escolas, demandam por estratégias de enfrentamento que considerem as características sociais, econômicas e culturais da população em que a escola se encontra. O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos, também, foi indicado como de fundamental importância para dirimir a violência na escola visto a complexidade e a dinâmica do fenômeno em questão.

Referências

ABRAMOVAY, M; RUA, M. das G. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO: Instituto Ayrton Senna, 2002.

ABRAMOVAY, M. (Org.). **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO: Observatório de Violências nas escolas: MEC, 2005.

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38.

_____. A zona muda das representações sociais. In: OLIVEIRA D. C.; CAMPOS, P. H. **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro. Museu da República, 2005. p. 22-34.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições, 2009.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DEBARBIEUX, E. **Violência na escola**. Instituto Piaget, 2006.

FALSARELLA, A. M. E a família, como vai? **Presença Pedagógica**, v. 14. n. 84. nov./dez. São Paulo, 2008.

FRELLER, C. C. **Trabalhando com pais sobre indisciplina escolar**: um desafio para o psicólogo. 2001. Disponível em: <<http://>

www.168.96.200.17/ar/libros/anped/2001T.PDF>. Acesso em: 13 set. 2013.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In:_____. **Standard edition da obra psicológica completa de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980; 1912a, p. 133-143.

GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. (Org.). **As representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed Uerj, 2001. p. 321- 341.

GONÇALVES, L. A.; SPOSITO, M. P. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cadernos Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 101-138, 2002.

GUIMARÃES, M. E. **Escola, galeras e narcotráfico**. 205 f. 1996. Tese (Doutorado) – PUC, Rio de Janeiro, 1996.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001. p 17-44.

LIMA, A. M. de. **O Bom Aluno nas representações sociais de professoras da Rede Municipal do Recife**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2009.

LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G.; CANDAU, V. M. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

MARTIN-BARBEIRO. J. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 1, jan./jun. 2000.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1961.

_____. **A Representação Social da Psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v. 7, n. 13, p. 119-134, 2003.

NOGUEIRA, M. A. **Família e escola na contemporaneidade**: os meandros de uma relação. 2005.

WAGNER, W. Descrição, explicação e método em pesquisa das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Texto em Representações Sociais**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. p.149-185.

WANDERLEY, M. B. **Refletindo sobre a noção de exclusão**. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

WINNICOTT, D. W. Agressão. In: **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987a. p. 89-96.

_____. A tendência anti-social. In: **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987b. p. 127-137.

ZALUAR, A. (Org.). **Violência e educação**. São Paulo, Cortez editora, 1992.

_____. **Máquina e Revolta**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

Anexo 1

Prancha 1:

**ALUNO QUEBRA OS BRACOS E
SEIS DENTES DE PROFESSORA
NO RIO GRANDE DO SUL**



Prancha 2:

**PROFESSOR É AGREDIDO
DENTRO DE ESCOLA EM RECIFE**



Prancha 3:

**ADOLESCENTE QUE MATOU
PROFESSORA: "MIREI NA CABEÇA
PARA MATAR E ATIREI"**



A professora Maria Oliveira, vítima do
assassinato em 1993, em uma das escolas (RDS)

Prancha 4:

**JUSTIÇA DETERMINA
INTERNAÇÃO DE ADOLESCENTE
QUE AGREDIU PROFESSORA**

